



# CORONAVÍRUS

## “Há aldeias que são como ‘lares a céu aberto’”

Há 21 municípios que continuam sem casos, mas o vírus ameaça chegar nas férias, à boleia dos emigrantes e de quem vai “à terra”. Especialistas preocupados

Natália Faria

**P**ortugal somava na última sexta-feira 21 concelhos, dos 308 em que se divide o país, sem qualquer caso registado de infecção pelo novo coronavírus. Daqueles, 15 concelhos situam-se no Alentejo, dois no Centro (Mêda e Idanha-a-Nova), um no Norte (Boticas) e três no Algarve (Alcoutim, Aljezur e Vila do Bispo), segundo a informação recolhida pelo PÚBLICO numa ronda pelas cinco administrações regionais de saúde.

Se olharmos para o mapa epidemiológico da Direcção-Geral da Saúde (DGS) que assinala a branco os concelhos sem registo de casos de contágio podem parecer mais, mas isto decorre da “orientação para referenciar apenas os concelhos com mais de três casos, de forma a preservar o segredo estatístico”, conforme explicou fonte daquele organismo.

Há denominadores comuns aos 21 municípios: são todos concelhos do interior, isolados, com baixas densidades e muitíssimo envelhecidos. E se, com a aproximação das férias, os emigrantes e os turistas começarem a invadir estas cidades e aldeias “*covid free*”, como se prevê, o coronavírus vai com eles e terá um impacto tendencialmente mais letal. “Há aldeias que são como ‘lares a céu aberto’. Se entra alguém de fora que infecta, o impacto vai ser semelhante ao que se tem verificado entre os idosos dos

lares”, antevê o geógrafo João Ferrão, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

A tendência para a disseminação espacial do vírus surge já espelhada na leitura territorial do impacto demográfico da covid-19 que o Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgou sexta-feira e onde se lê que os números relativos ao período entre 25 de Março e 1 de Julho sugerem já “uma disseminação espacial”. Esta tendência vai registar-se pelo interior fora, com a agravante de estarmos perante regiões cujo envelhecimento traduz uma vulnerabilidade acrescida ao vírus. “São áreas muito susceptíveis mas que têm estado protegidas, porque o isolamento tem funcionado como factor de protecção, mas, com a inevitável exposição ao vírus que decorrerá da chegada de emigrantes e turistas, a probabilidade de haver muita gente infectada e de aumentarem as mortes é elevada”, reforça João Ferrão.

Menos preocupado, o médico especialista em saúde pública Mário Jorge Santos acredita que o cenário poderá não ser tão grave desde que “a saúde pública não se revele incapaz de controlar as cadeias de transmissão, como aconteceu na região de Lisboa e Vale do Tejo”. “Nas grandes cidades há o problema de as pessoas não se conhecerem, como aconteceu em

Lisboa onde é difícil a identificação dos contactos, nomeadamente nos bairros onde há muitos imigrantes de origem extra-europeia, muitos indocumentados e até com nomes e moradas falsos, o que atrasa muito a investigação. Nos concelhos mais pequenos será mais fácil controlar as cadeias de transmissão”, confia.

Daí que dotar estes municípios de “equipas de saúde pública pequenas, rápidas e capazes de, face ao surgimento de um caso, mobilizar-se rapidamente para identificar e isolar o problema” seja “a única forma de precaver um aumento da letalidade nos idosos”, segundo o presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública, Ricardo Mexia.

Mário Jorge Santos reforça a sua tese com o exemplo do Alentejo. “O concelho de Reguengos de Monsaraz tinha apenas três casos até ao surto que ocorreu num lar de idosos e que, por si só, constitui já quase metade dos casos no Alentejo. Mas um surto, embora possa ser dramático e catastrófico, é um fenómeno epidemiológico localizado no espaço e no tempo: não tem disseminação comunitária. Se não se cumprirem regras de distanciamento e uso de máscaras, o que pode acontecer nas férias, “a tendência será para aumentar o número de mortes de idosos que, ao apanharem o coronavírus, descompensam doenças que já tinham”.

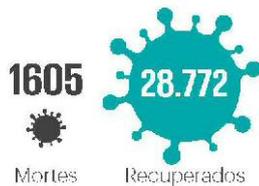
Num exercício *a la minuta* sobre estes impactos, João Ferrão distingue *nuances* nas fontes de disseminação do vírus consoante as regiões. “No Norte, o impacto dos emigrantes será mais elevado. E, como vêm de países europeus, a maior parte já passou pelo processo de aprendizagem em

relação ao vírus e, portanto, já interiorizou medidas como o distanciamento, as máscaras e a lavagem das mãos”, admite o geógrafo. Já no Sul, “o principal elemento de risco serão as pessoas, sobretudo da Grande Lisboa, que ‘vão à terra’ ou que, não indo, procurarão passar as férias em sítios tranquilos e isolados”. Quanto ao Algarve, a ameaça poderá ser externa: “Tudo depende do que vier a ficar definido relativamente às fronteiras, mas atenção que, mesmo com restrições, em Lisboa já se voltou a ouvir o som das malas com rodinhas que tinha desaparecido desde meados de Março.”

nfaria@publico.pt

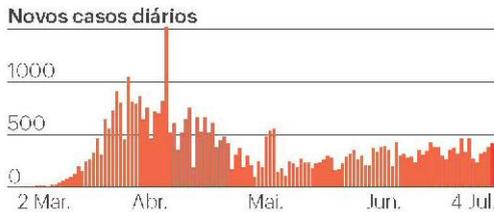
### Situação em Portugal

Em 1 de Julho às 14h30



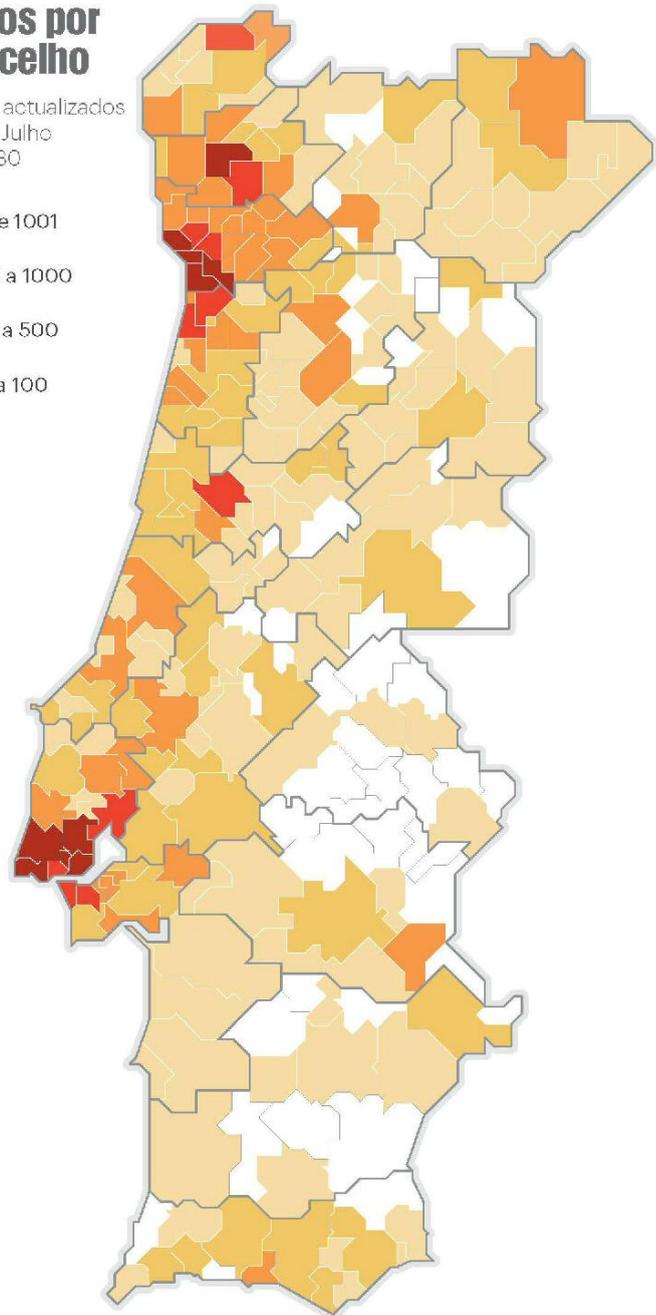
Fonte: DGS

Casos confirmados **43.569**      Novos casos **413**

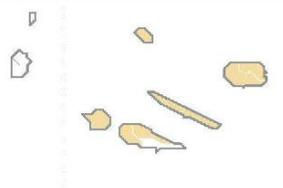


### Casos por concelho

Dados actualizados a 4 de Julho às 14h30



AÇORES



MADEIRA



A informação apresentada refere-se ao total de notificações médicas no sistema SINAVE, não incluindo notificações laboratoriais. Como tal, pode não corresponder à totalidade dos casos por concelho. Quando os casos confirmados são inferiores a 3, por motivos de confidencialidade, os dados não são apresentados.

Fonte: DGS

PUBLICO

Área: 613cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6888226